

Fome e redes comerciais na Bacia Parisiense

(séculos VIII - XI)¹

Famine and commercial networks in the Parisian Basin

(8th - 11th centuries)

Gabriel Rodrigues Sanches Cordeiro²

RESUMO: A Alta Idade Média foi entendida pelos historiadores, até meados do século XX, como um longo período de crise e de declínio, não apenas devido aos múltiplos períodos de fome, mas também por questões econômicas e políticas. O século IX, em especial, traz um número alarmante de relatos escritos relacionados a crises alimentares durante toda sua extensão. Essa interpretação pessimista do período como um momento de decadência acentuada tem sido contestada nas últimas décadas, em grande medida, com a contribuição da Arqueologia. Com um panorama menos negativo com relação à economia medieval, também vieram questionamentos acerca da “veracidade” das crises alimentares, ou pelo menos de seus aspectos mais sombrios, como o canibalismo de sobrevivência, sua larga extensão e a altíssima mortalidade. Este artigo tem como objetivo realizar uma análise da situação alimentar na Bacia Parisiense entre os séculos VIII e XI, tendo como ponto de partida os vestígios encontrados em um sítio localizado a 20 quilômetros de Paris, *La Confiserie*. E, partindo dele, realizar comparações com outras duas ocupações contemporâneas que se

¹ O conteúdo deste artigo é parte da pesquisa de iniciação científica intitulada *Fome e abastecimento na região parisiense entre os séculos VII e XI*, realizada entre 2018 e 2019 com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Esta pesquisa encontra continuidade no mestrado desenvolvido pelo autor desde 2020.

² Bacharel em História e mestrando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME-USP) desde 2016. Contato: gabriel.cordeiro@usp.br.

desenvolveram na mesma região: *Les Ruelles*, na atual cidade de Serris, e *La Chapelle/La Croix Verte*, em Mesnil-Aubry.

Palavras-chave: fome; Arqueologia Medieval; abastecimento.

ABSTRACT: The Early Middle Ages were understood by historians until the middle of the 20th century as a long period of crisis and decline, not only due to multiple periods of famine, but also for economic and political reasons. The 9th century, in particular, brings an alarming number of written reports related to food crises throughout its length. This pessimistic interpretation of the period as a time marked by the decay has been contested in recent decades, to a large extent, with the contribution of Archaeology. With a less negative outlook in relation to the medieval economy, there were also questions about the “veracity” of food crises, or at least its darkest aspects, such as cannibalism of survival, its wide extent and very high mortality. This article aims to carry out an analysis of the food situation in the Parisian Basin between the 8th and 11th centuries, taking as a starting point the remains found in a site located 20 kilometres from Paris, *La Confiserie*. And starting from it, make comparisons with two other contemporary occupations that developed in the same region: *Les Ruelles*, in the current city of Serris, and *La Chapelle / La Croix Verte*, in Mesnil-Aubry.

Keywords: famine; Medieval Archaeology; food supply.

Recebido em 16 de março de 2020; aprovado em 08 de junho de 2020.

As crises alimentares são fenômenos muito complexos e singulares. Ainda assim, por mais variadas que sejam suas razões, circunstâncias e espacialidades, compartilham características comuns entre si. Devido à complexidade do fenômeno da fome, para melhor compreendê-lo é necessário o estudo do abastecimento alimentar, das práticas alimentares, do clima e das dinâmicas comerciais de cada sociedade. Como apontou Cormac Ó Gráda, o território do historiador da fome atravessa os mais diversos campos, abrangendo desde questões demográficas e econômicas, passando por questões históricas, políticas, literárias, antropológicas etc. (Ó GRÁDA, 2015, p. 4).

Em uma acepção ampla, a fome pode ser definida como a escassez de alimentos ou a redução do poder de compra que conduz ao aumento da mortalidade por inanição ou por doenças provocadas pela desnutrição. A baixa natalidade também pode se mostrar presente em períodos de fome, acompanhada da queda no número de relações matrimoniais. Além disso, é comum que haja o aumento na recorrência de comportamentos criminosos. Com o aumento de preço dos alimentos para além do alcance dos mais pobres, estes passam a buscar condições de sobrevivência em outras regiões, aumentando as taxas de migração (Ó GRÁDA, 2015, p. 1-2).

De fato, os múltiplos relatos de fome contribuíram para a construção de uma percepção bastante pessimista do período³. Nas últimas três décadas, a Arqueologia Medieval ganhou força na França, através das escavações preventivas (PEYTREMANN, 2012, p. 214-215). Esses trabalhos forneceram um volume muito grande de dados inéditos para os pesquisadores, principalmente referentes aos habitats camponeses, que são muito difíceis de serem estudados a partir dos documentos escritos. O florescimento da Arqueologia Preventiva na França foi muito benéfico para o estudo das crises alimentares. Principalmente por ter possibilitado a análise de vestígios diretos da produção, da estocagem e do consumo de alimentos, como os restos de grãos, ossos de animais, estruturas de armazenamento e processamento de alimentos etc. Em seu estudo sobre os sinais da fome detectáveis através da Arqueologia, Johanna Morgan mostrou que, em períodos de fome, a população abandona o que lhes é familiar, mudando as suas dietas tradicionais e os seus ritos funerários (MORGAN, 2013, p. 115). Para Morgan, poucos fenômenos afetam uma população de forma tão dramática quanto a fome. A estrutura e os comportamentos sociais estão sujeitos a intensa pressão na medida em que a saúde individual e coletiva é comprometida (MORGAN, 2013, p. 115).

Neste artigo, pretendo realizar um estudo de caso de um sítio arqueológico localizado a 20 quilômetros a Nordeste de Paris: *La Confiserie*. E, partindo deste, realizar comparações com outros dois sítios da região: *Les Ruelles*, em Serris, e *La Chapelle/La Croix Verte*, em Mesnil-Aubry. A fim de realizar uma análise da situação alimentar no local entre os séculos VIII e XI.

³ Fritz Curschmann construiu um repertório desses relatos de fome em 1900. Timothy Newfield (2010) realizou uma atualização deste repertório, a qual será utilizada neste artigo.

1. Os sítios arqueológicos

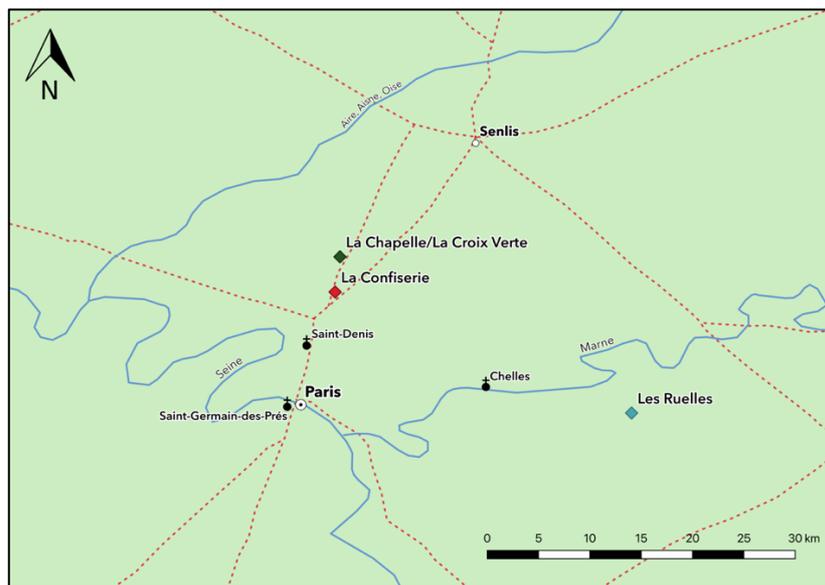


Figura 1: Mapa da localização de *La Confiserie*, *La Chapelle/La Croix Verte* e *Les Ruelles* em relação aos centros urbanos e aos principais monastérios. Fonte: autoria própria

1.1. *La Confiserie*

Em 2004, uma obra realizada na cidade de Villiers-le-Bel, na rua Gambetta, possibilitou a descoberta de um novo sítio arqueológico, nomeado *La Confiserie*. As escavações realizadas em caráter preventivo pelo *Institut national de recherches archéologiques préventives* (Inrap), e coordenadas por François Gentili, revelaram vestígios de ocupações intermitentes desde a Idade do Bronze até o período moderno (GENTILI *et al.*, 2008, p. 6-11).

Nas camadas estratigráficas referentes ao período medieval, foi encontrado um habitat camponês, construído por volta do fim do século VIII (ABADIE *et al.*, 2013, p. 187). Esta ocupação era cortada por um eixo de circulação sob a atual rua Gambetta que se estendia no sentido Leste-Oeste. Ao Norte da via, há uma grande estrutura sobre pilastras, que correspondia, provavelmente, a um celeiro. Ao redor dessa construção há outras estruturas menores anexas. Entre elas, silos⁴ e fornos culinários⁵, estes últimos localizados próximos ao

⁴ Os silos são estruturas cavadas no chão com paredes em argila, utilizadas para armazenar alimentos. Não são o único modo de armazenamento, mas foram muito frequentes durante o período carolíngio (CATTEDDU, 2009, p.35).

⁵ Fornos culinários são encontrados de modo geral na periferia do habitat para evitar incêndios. São estruturas dotadas de um cinzeiro e um forno utilizadas para cozer grãos, pão e cerâmicas (CATTEDDU, 2009, p. 34).

eixo de circulação. Por fim, há um conjunto de silos localizados a Oeste do celeiro, associados a uma estrutura que foi apenas parcialmente escavada, devido à limitação imposta pelas construções em volta da área escavada (ABADIE *et al.*, 2013, p. 187).

Ao Sul do eixo de circulação, o habitat desenvolveu-se mais densamente. Nesse setor, o sítio é organizado em torno de um grande pátio central, formado por estruturas como fundos de cabana⁶ e cabanas sobre pilastras⁷. No centro do pátio foram encontrados grupos de silos de grãos. Assim como ao Norte, os fornos culinários estão presentes, localizados à beira da via. Ainda que muito próximo de uma importante rota comercial que ligava Paris a Amiens, não há nenhum indício de que *La Confiserie* estivesse conectado com redes comerciais (ABADIE *et al.*, 2013, p. 187). À exceção do abandono dos fornos culinários entre o século XI e XII, o sítio de *La Confiserie* mantém sua configuração estável durante todo o período carolíngio até o final do século XII, na contramão de uma série de abandonos de habitats durante os séculos X e XI, em Île-de-France. A partir de sua implementação no século VIII, o sítio permanece de forma ininterrupta, apresentando sobreposição de construções com a mesma função até o século XIII (GENTILI, 2014). Essa estabilidade pode ser explicada, segundo Gentili, pela permanência da ordem social e da propriedade das terras.

É necessário mencionar que ao fim do século X e início do XI, há o surgimento de um habitat senhorial a cerca de 50 metros a oeste de *La Confiserie* (GENTILI, 2014). O sítio na região da atual igreja de Saint-Didier foi escavado em 2005, durante um projeto de restauro do edifício (ABADIE *et al.*, 2008, p. 18). O habitat é composto por um polo privilegiado, uma necrópole e um conjunto de silos, que são maiores que a média dos silos encontrados em *La Confiserie*. Além do tamanho dos silos, o padrão alimentar do sítio destaca-se em relação a *La Confiserie*, dada a presença de restos de cervo, lebre e até mesmo de auroque, que era um animal relacionado às elites medievais (GENTILI, 2014).

⁶ O “fundo de cabana” é a manifestação arqueológica de um tipo particular de estrutura, a cabana escavada, cujos furos de pilastra são os únicos vestígios visíveis. Vários critérios caracterizam essas instalações: área rebaixada entre 25 centímetros a 1 metro em relação ao nível do solo, de 5 a 10 metros quadrados em geral, mas há exceções, é claro. A forma é geralmente quadrada ou retangular, mas há exemplos de circular ou oval. Os fundos de cabana são tradicionalmente considerados anexos de habitats medievais durante os períodos merovíngio e carolíngio. São por vezes interpretados como estábulos, granjas e celeiros (CATTEDDU, 2009, p. 32; CHOPELAIN, 2000-2001, p. 35).

⁷ As cabanas sobre pilastras são estruturas suspensas por uma série de pilastras em madeira enterradas no solo. No sítio arqueológico a única evidência para detecção dessa estrutura são os furos deixados por essas pilastras. São estruturas maiores que os fundos de cabana e geralmente possuem base retangular (CATTEDDU, 2009, p. 28).

1.2. La Chapelle/La Croix Verte

Localizado na atual comuna de Mesnil-Aubry, *La Chapelle/La Croix Verte* é mencionado pela primeira vez em um documento escrito no século IX, com o nome de *Manillo Alberici* (GENTILI, 2008, p. 266). Contrariamente à maioria das vilas, Mesnil-Aubry não é mencionada nem em 832, nem em 862, nas atas constitutivas de Saint-Denis, estabelecidas pelo abade Hilduin e confirmadas por Carlos, o Calvo, nem em nenhum outro documento durante a Alta Idade Média. Atualmente, Mesnil-Aubry é um pequeno vilarejo (*village-rue*) organizado às margens da RN16. *La Chapelle/La Croix Verte* foi descoberto durante uma série de sondagens preventivas para a construção da estrada Francilienne, em 1996 (GENTILI, 2008, p. 266). A região abrigou uma vila romana, abandonada por volta do século V (LEFEUVRE, 2011, p. 19). A ocupação foi retomada durante o período carolíngio, entre o final do século VIII e início do IX (LEFEUVRE, 2011, p. 19). *La Chapelle/La Croix Verte* apresenta poucos vestígios do período galo-romano e merovíngio. Mesmo que nada confirme, ainda não se pode descartar uma possível continuidade da ocupação do período galo-romano ao carolíngio.

A escavação do sítio cobriu 5250 metros quadrados, e o habitat carolíngio de *La Chapelle/La Croix Verte* apresenta uma grande concentração de estruturas (GENTILI, 2008, p. 269). Há apenas dois fornos culinários no sítio que correspondem ao período medieval. Posteriormente, durante os séculos X e XI, o habitat expandiu e foram construídas novas cabanas em madeira. Os silos de grãos, em especial, estão em grande número em *La Chapelle/La Croix Verte*; foram encontrados cerca de 80 deles, datados dos séculos IX e X (GENTILI, 2008, p. 289).

As construções do habitat carolíngio concentram-se ao Nordeste da área escavada, apresentando densidade particularmente alta na área central ao norte de uma vala que corta o sítio ao meio no sentido Nordeste-Sudoeste. Assim como em Villiers-le-Bel, a presença da vala pode indicar uma paliçada. A vala que corresponde ao período carolíngio, ao contrário das predecessoras, obstrui o espaço da via *Le Chemin Blanc*. Isso pode indicar o abandono do eixo de circulação no período carolíngio ou a presença de um portão. A sobreposição das valas pode contribuir para a hipótese da reconstrução ininterrupta da ocupação da Idade Antiga até a Idade Média. Nessa região, particularmente, foram encontradas estruturas escavadas como silos e fundos de cabana (GENTILI, 2008, p. 269).

1.3. Les Ruelles

Descoberto durante uma série de escavações preventivas efetuadas entre os anos de 1989 e 1997, *Les Ruelles* foi encontrado em decorrência da expansão urbana do setor IV de Marne-la-Vallée e da construção de uma linha férrea de alta velocidade (TGV Nord) (FOUCRAY, 1996, p. 203). É localizado no Vale do Rio Marne, que abrigou ocupações intermitentes desde o Neolítico (FOUCRAY, 1996, p. 203). O sítio medieval começou a ser construído no final do século VII, porém, a maior parte do habitat só surgiu durante o século VIII (GENTILI; VALAIS, 2007, p. 102). *Les Ruelles* é um sítio arqueológico muito extenso, abrangendo uma área superior a 160 mil metros quadrados (FOUCRAY, 1996, p. 203). O sítio não é composto apenas por um habitat camponês, mas apresenta grandes estruturas em pedra que correspondem a uma habitação aristocrática, além de uma necrópole e edifícios religiosos.

O habitat camponês possui os mesmos tipos de estruturas já descritos, como os silos, fornos, cabanas sobre pilastra e fundos de cabana. *Les Ruelles* conta com 154 silos de grãos identificados. O volume desses silos varia de 1 a 2 metros cúbicos, porém, também foram encontrados silos de até 6 metros cúbicos, volume que não é comum em um habitat camponês (FOUCRAY, 1996, p. 205). O habitat aristocrático possui duas grandes construções em pedra, uma delas em formato retangular, medindo 30 por 9 metros, e o segundo em formato quadrangular, medindo 19 por 19 metros. O edifício retangular corresponde a uma habitação, possui uma divisória ao meio, delimitando a *aula* e a *câmara*. A segunda estrutura é um anexo da primeira, provavelmente abrigava as tarefas domésticas da habitação (FOUCRAY, 1996, p. 204). A Leste dessas grandes estruturas em pedra foram escavadas duas cabanas sobre pilastras com dimensões muito mais modestas do que as de pedra, completando os anexos do conjunto aristocrático. O mobiliário, as vestimentas, as armas e as joias, além do padrão alimentar observado no habitat deixam claro o caráter privilegiado do sítio. A arquitetura também evidencia esse aspecto com o vidro associado às janelas, além de fundações em pedra e gesso. A alimentação parece ser baseada em carne suína. Além disso, há restos de animais de prestígio e luxo, como o pavão, as ostras e o esturjão (GENTILI; VALAIS, 2007, p. 102).

A necrópole de *Les Ruelles* começou a ser escavada e estudada ainda em 1989. As escavações revelaram o total de 956 indivíduos, dentre eles, 62 foram encontrados nas duas zonas de inumação descobertas no seio do habitat senhorial. Também foram descobertas inumações em pequenos grupos de dois a quatro indivíduos, além de algumas outras isoladas. A necrópole nasce com o habitat e as últimas inumações encontradas nela são contemporâneas ao abandono de *Les Ruelles*. Uma análise global da necrópole indica a existência de três fases (FOUCRAY, 1996, p. 208).

Num primeiro momento, múltiplos locais de sepultamento coexistem no mesmo espaço. Os grupos aristocráticos realizam suas inumações nas proximidades da capela cemiterial, onde se encontram os sepultamentos mais antigos. Há mobília funerária em algumas dessas sepulturas. Os camponeses formam pequenos grupos mais ou menos familiares e realizam os sepultamentos nas proximidades do próprio habitat. Os sepultamentos aristocráticos são, em sua maioria, de mulheres e imaturos. As inumações localizadas no interior do habitat aristocrático levantam problemas mais complexos. A contemporaneidade dessas inumações com o funcionamento das diferentes fases do habitat aristocrático demonstra uma ligação intrínseca entre esses indivíduos e o funcionamento do habitat. Talvez, essas inumações sejam de camponeses com status social mais elevado que os demais. Na segunda fase, a área de inumação no habitat camponês é abandonada e o conjunto da população é reagrupado na necrópole. Uma das zonas de inumação no habitat aristocrático continua sendo utilizada. E, na terceira fase, com o desaparecimento do habitat aristocrático, essa última zona de sepultamentos é abandonada também. Ao fim do século VIII e início do IX, não resta mais do que um lugar de inumação (FOUCRAY, 1996, p. 208).

2. Análise zoológica de *La Confiserie*

A maioria das construções descobertas no habitat camponês de *La Confiserie* está relacionada ao processamento, armazenamento e descarte de alimentos. Os vestígios descobertos nessas estruturas foram coletados e estudados pelos arqueólogos do Inrap. A seguir, trabalharemos com os dados obtidos a partir da análise zoológica do sítio.

Nas tabelas a seguir, NR é o número total de vestígios encontrados de uma espécie específica dentro do sítio. Os restos que podem ser identificados por espécie correspondem ao conjunto dos determinados; os que não podem, ao dos indeterminados. O Peso dos Restos

(PR) é um critério de quantificação baseado na pesagem do total dos vestígios de cada espécie encontrado em todo o sítio⁸. Destaca-se pela simplicidade de obtenção e sua reprodutibilidade (diferentemente do NR, que pode ter critérios específicos de caso para caso⁹). O PR dá às amostras uma dimensão adicional para a análise, como poderemos observar nos conjuntos aqui analisados, além de dar uma ideia da massa de carne em questão. Com o PR e o NR, pode-se obter o Peso Médio dos Restos (PM). Através desse dado podemos analisar os níveis de fragmentação das amostras.

	NR	%NR	PR (g)	%PR	PM
Bovinos	31	41,33	3575	57,78	115,32
Porcos	11	14,67	69	1,12	6,27
Caprinos	22	29,33	251	4,06	11,4
Cavalos	8	10,67	1426	23,05	178,25
Determinados	75	84,27	6187	98,57	
Indeterminados	14	15,73	90	1,43	
TOTAL	89	100	6277	100	

Tabela 1: Dados zooarqueológicos de *La Confiserie* referentes ao período entre os séculos VIII-X.
Fonte: Jouanin e Yvinec (2008, p. 161)

⁸ A pesagem dos restos deve ser feita com ossos limpos, de mesma densidade e com diáfises secas. Deve-se atentar ao estado de fossilização dos ossos, pois ele pode interferir na densidade das amostras significativamente (CHAIX; MÉNIEL, 1996, p. 57).

⁹ A contabilização do NR exige o estabelecimento de certos termos com relação aos ossos fragmentados e não longos. Um crânio bovino, por exemplo, depositado em uma determinada estrutura pode se rachar naturalmente na terra, se revelando na escavação em dezenas de fragmentos. Assim, se cada fragmento for contabilizado individualmente, a presença bovina será artificialmente elevada. Por isso devem-se contar os fragmentos associados como um osso único. Também é preciso estabelecer a forma pela qual contabilizar os conjuntos em conexão anatômica, pois eles podem ser contabilizados como uma peça única ou pelo número de ossos que os compõe, dependendo do objetivo da análise realizada a partir dos ossos (CHAIX; MÉNIEL, 1996, p. 55-56).

	NR	%NR	PR (g)	%PR	PM
Bovinos	30	21,43	2572	61,21	85,73
Porcos	38	27,14	418	9,95	11
Caprinos	33	23,57	252	6	7,63
Cavalos	9	6,43	532	12,66	59,11
Asnos	3	2,14	417	9,92	139
Lebre	1	0,71	0	0	N/A
Galos	7	5	9	0,21	1,28
Determinados	140	72,16	4202	95,18	
Indeterminados	54	27,84	213	4,82	
TOTAL	194	100	4415	100	

Tabela 2: Dados zoológico-arqueológicos de *La Confiserie* referentes ao período entre os séculos X-IX
Fonte: Jouanin e Yvinec (2008, p. 161)

Os dados aqui apresentados foram editados com a finalidade de trazer apenas os restos referentes aos animais destinados ao uso humano¹⁰. As tabelas originais podem ser consultadas no relatório de escavação do Inrap¹¹. Vale lembrar que a simples presença das espécies animais no sítio não implica automaticamente o consumo de carne; os animais podem fornecer diferentes produtos como a lã, o leite e a força de trabalho (HORARD-HERBIN; LEFÈVRE; VIGNE, 2005, p. 70). Como podemos ver, ambas as fases de ocupação apresentam a predominância da tríade doméstica: bovinos, caprinos e suínos. A primeira fase (VIII-X) parece ser caracterizada pela criação de bovinos. Os caprinos também estão presentes em uma boa quantidade, entretanto, há poucos restos de suínos durante esse recorte de tempo (JOUANIN; YVINEC, 2008, p. 163). Pode-se notar que, apesar de o NR ser elevado, o PR dos caprinos é extremamente baixo. Isso denota um alto nível de fragmentação dos vestígios, como pode-se notar pelo baixo PM. O oposto acontece com os restos de equinos, por exemplo. Isso pode ser um indício de que os caprinos abatidos eram consumidos no próprio sítio.

¹⁰ Entre os animais encontrados no sítio, ainda podemos citar a presença de restos de anfíbios, cães, gatos e ratos.

¹¹ O relatório pode ser baixado mediante consulta no catálogo do Inrap. Disponível em: <http://dolia.inrap.fr>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Na fase seguinte (X-XI), temos um quadro muito mais equilibrado do que o anterior, dessa vez com um leve aumento nos números de criação de suínos. A carne bovina perde presença em relação à fase anterior e esse processo se arrasta durante as fases seguintes, levando-se em conta, principalmente, o PR. Os vestígios de equinos continuam representando aproximadamente um quarto do total dos restos encontrados no sítio, tendo em vista o PR. Entretanto, porcos e caprinos ganharam mais espaço. De modo geral, *La Confiserie* ganha maior diversidade nos vestígios animais durante a segunda fase.

As aves em *La Confiserie* são representadas apenas por duas espécies: o galo doméstico e a *pega*, que é uma espécie selvagem. Os arqueólogos evidenciam a ausência completa do ganso como segunda ave doméstica (JOUANIN; YVINEC, 2008, p. 158). Para o período entre o VIII e X, nenhum resto de ave foi encontrado. As aves podem estar pouco representadas, talvez, pelos métodos empregados na escavação: devido ao tamanho, os ossos passam despercebidos se o sedimento retirado durante os trabalhos não for peneirado. Também deve-se lembrar que esses ossos são mais frágeis e de difícil conservação.

A presença de equinos no sítio é particularmente alta, assim como em alguns outros sítios no Pays de France. Isso pode ser explicado pelo fato de o Pays de France, em especial, ter sido um consumidor notável da carne de equinos. Para a Alta Idade Média, o consumo da carne de cavalo é afetado pela proibição no Antigo Testamento¹², chegando a ser mencionado em cartas papais como alimento interdito. No entanto, durante os períodos merovíngio e carolíngio, o consumo de carne de cavalo parece bastante frequente. Todavia, não permanece assim durante a Baixa Idade Média. De fato, a interdição do cavalo como alimento não é refletida pelos dados arqueológicos. Segundo Jouanin e Yvinec (2008, p. 166), essa ideia aparece nos textos somente durante episódios de fome ou de sítio. Um dos cavalos analisados era jovem, tendo entre 2 e 3 anos no momento do abate, o que afasta um pouco a hipótese de morte natural. O abatimento de cavalos jovens pode denotar que o sítio produzia carne de alta qualidade.

Para Jean-Hervé Yvinec e Gaëtan Jouanin, o número significativo de restos de equinos encontrados nos sítios abre espaço para duas hipóteses: a primeira explicação seria em decorrência do uso do cavalo para os trabalhos no campo. A região da bacia parisiense foi uma importante área de produção de cereais; para esse trabalho, o cavalo era mais eficiente do que o boi, devido à sua maior mobilidade. A segunda explicação considera o Pays de

¹² Cf. o livro de Levítico 11: 1-8.

France como um produtor de equinos para suprir a demanda aristocrática e das atividades guerreiras. É importante ressaltar que a criação de cavalos foi incentivada por Carlos Magno no *Capitular De Villis* (JOUANIN; YVINEC, 2008, p. 167). A primeira hipótese apresentada por Yvinec explicaria a presença dos restos com marcas de consumo, se esses fossem cavalos de idade avançada, entretanto, em ambos os sítios os animais foram abatidos jovens, e alguns dos restos encontrados exibiam marcas de consumo.

Como pudemos observar através dos altos valores de PM, a fragmentação dos ossos de cavalo, principalmente depois da instalação do habitat senhorial, é extremamente baixa. Isso sugere que o sítio seria apenas o local de abate. Ao levarmos em conta que o peso dos vestígios de equinos supera até mesmo o dos bovinos após a instalação do habitat senhorial, podemos considerar a hipótese de que a criação de cavalos no sítio poderia ser justificada pela tarefa de suprir a elite da região com montaria, como diz Yvinec e Jouanin, e também com carne de alta qualidade.

Os caprinos não são criados para abate, no geral. A criação de cabras e ovelhas é mais voltada para a produção de lã e leite do que de carne. Normalmente, os caprinos são abatidos somente quando não podem mais fornecer esses subprodutos. O abate de caprinos machos e jovens poderia indicar que esse gado era destinado à produção de leite. No entanto, não temos dados para identificar o gênero dos animais. Segundo Gaëtan Jouanin e Yvinec, essa abundância de restos de caprinos deve ser explicada pela produção e pela venda de lã e carne para cidades próximas como Paris e Pontoise. Todavia, como Isabelle Abadie apontou, não há sinal da conexão de *La Confiserie* a redes comerciais, o que, somado à alta taxa de fragmentação parece sugerir que o gado era explorado não apenas para a produção de lã, mas também para o consumo de carne.

A idade de abate desses animais é um dado difícil de obter, uma vez que foram recuperados poucos ossos. No entanto, foi possível fazer algumas estimativas a partir dos restos encontrados em *La Confiserie*. Quanto aos restos bovinos, existem apenas duas mandíbulas para a estimativa da idade: uma delas referente à primeira (VIII-X) e a outra referente à segunda fase (X-XI). De acordo com a análise, o animal tinha aproximadamente 9 anos de idade no momento do abate na primeira fase. Para o intervalo entre os séculos X e XI, a estimativa está entre 1,5 e 2 anos. Não há material para fazer estimativas entre os séculos XI e XII. Os suínos fornecem documentação suficiente para estimativas de dois períodos: entre os séculos X-XI e XI-XII. Na segunda fase de ocupação não foi possível estimar a idade

de indivíduo, sabemos apenas que se trata de um animal senil. Na terceira etapa foram identificados dois indivíduos com idade entre 6 e 12 meses. O abate dos porcos jovens coincide com a chegada do habitat aristocrático localizado a 50 metros de distância de *La Confiserie*. Por isso, é importante lembrar também que a carne de porco é um alimento comum no ambiente aristocrático. Quanto aos caprinos, apesar de muito presentes, há poucas possibilidades para estimar a idade de abate. Apenas um indivíduo para a primeira fase (VIII-X) com aproximadamente 4 anos foi identificado. Entre os séculos XI e XII existem dois indivíduos com algo entre 6 e 12 meses.

	VIII-X	X-XI	XI-XII
Bovinos	9 anos	1,5 - 2 anos	N/A
Suínos	N/A	Senil ¹³	6-12 meses
Caprinos	4 anos	N/A	6-12 meses

Tabela 3: Idade de abate por espécie em cada fase de ocupação de *La Confiserie*
Fonte: Gentili *et al.* (2008, p. 156-177)

Como podemos observar, na primeira fase do sítio, a idade de abate dos animais é bastante avançada. Já na segunda, podemos ver uma tendência de queda ao observarmos os restos bovinos. Se estendermos a análise para a terceira fase, vemos uma queda drástica. A idade avançada de abate pode indicar que a lógica da produção nas primeiras fases, em particular na primeira, estava voltada para a quantidade de alimento que se obteria no abate, não para a sua qualidade. Ou talvez isso se explique pela prioridade no aproveitamento máximo da tração e dos produtos desses animais antes de abatê-los, o que é uma prática comum no ambiente camponês. Podemos notar também o aumento na variedade de espécies entre as duas primeiras fases de ocupação no sítio. Na primeira fase há apenas quatro espécies representadas no sítio, o que mostra uma menor diversidade do que a observada em outros sítios contemporâneos e também uma alimentação mais pobre¹⁴. Como, por exemplo, em outra ocupação camponesa, *La Chapelle/La Croix Verte*, a poucos quilômetros ao Norte, onde encontramos durante o mesmo período sete espécies diferentes.

¹³ O relatório não especifica a idade do suíno analisado, apenas diz que se trata de um indivíduo senil.

¹⁴ É possível também que, devido a problemas metodológicos, ossos de outras espécies não tenham sido detectados, como no caso das aves.

3. O silo 1441

No setor sul de *La Confiserie*, em um dos silos descobertos no centro do pátio do habitat camponês foram encontrados os restos de três indivíduos humanos depositados em dois momentos distintos, de acordo com a estratigrafia da estrutura. O silo 1441, como foi nomeado, tem formato de pera, é datado do início do século IX e possui 1,21 metro cúbico de volume reconstituído¹⁵. Após perderem sua utilidade original, os silos são comumente usados como um depósito de dejetos domésticos da ocupação (como ossos de animais, restos de alimentos e fragmentos cerâmicos) (BAYARD *et al.*, 2019, p. 9). O silo 1441 estava sendo utilizado como depósito. No estrato mais antigo do silo estavam depositados os restos de dois indivíduos, os corpos de ambos foram encontrados incompletos. De um deles foram encontradas apenas as quatro últimas vértebras lombares ainda conectadas com o sacro, um segmento de sete vértebras torácicas em conexão anatômica e uma vértebra torácica isolada (VT 5), bloco craniofacial, com a mandíbula ausente, ainda conectado com as três primeiras vértebras cervicais; por fim, a extremidade proximal do fêmur direito. Apenas um fragmento da parte frontal do bloco craniofacial do segundo indivíduo foi encontrado no silo. Isabelle Abadie, em seu estudo sobre os restos humanos descobertos no silo 1441, os chamou respectivamente de indivíduos 2 e 3. Neste artigo, seguiremos sua classificação. Devido à ausência de muitos ossos, há grande dificuldade em determinar o gênero e a idade destes sujeitos no momento da morte. Podemos somente afirmar que o indivíduo 2 era adulto, enquanto o 3, a partir de uma aproximação pela craniometria, teria no momento da morte entre 3 e 6 anos (ABADIE *et al.*, 2013, p. 201).

A saúde do indivíduo 2 era bastante precária, há apenas nove dentes na arcada dentária, em mau estado e extremamente desgastados. Ele também apresenta artrose e osteófitos nas três regiões da coluna. Além disso, há um desvio axial em direção à direita, um quadro de escoliose lombar (ABADIE *et al.*, 2013, p. 191-201). Ele também apresenta muitas lesões traumáticas, como múltiplas fraturas no bloco craniofacial (ABADIE *et al.*, 2013, p. 201). No segmento de vértebras torácicas (VT 6 à VT 12), há duas marcas de corte paralelas na região das costelas. Essas marcas de corte se repetem na mesma direção no segmento

¹⁵ Os silos são abastecidos por completo após as colheitas e desabastecidos por completo quando necessário. Ao serem esvaziados, suas paredes colapsam, fazendo com que o mesmo perca seu formato original. O volume reconstituído é o volume estimado antes do fim da vida útil do silo, ou seja, com seu formato original.

vertebral lombar (VL 2 à VL 5). As três primeiras vértebras cervicais que continuam ligadas ao bloco craniofacial estão muito desgastadas, porém, sem nenhuma marca de lesão. Os traços de corte e no indivíduo 2 apresentam muitas semelhanças quando comparadas ao corte de açougueiro da época galo-romana (ABADIE *et al.*, 2013, p. 215). O fêmur está fraturado na diáfise, além disso, foi seccionado na epífise que conectava o osso a bacia. O fragmento do fêmur apresenta acentuada erosão, fissuras e concreções amareladas. As vértebras e o bloco craniofacial também apresentam essas características, porém, menos marcadas que as do fêmur. O bloco craniofacial, além das concreções amareladas, exhibe manchas escuras, principalmente na arcada dentária. Essas manchas indicam a exposição ao fogo, porém, não por tempo suficiente para carbonizar o osso, distanciando-se dos vestígios de uma cremação (ABADIE *et al.*, 2013, p. 214). Concreções amareladas também podem ser encontradas no fragmento do bloco craniofacial infantil encontrado no silo. Essas marcas demonstram que os ossos foram expostos em céu aberto por um determinado tempo antes de serem enterrados (ABADIE *et al.*, 2013, p. 209). Além disso, o fragmento apresenta uma pequena incisão sob a órbita ocular esquerda. A ausência de qualquer outro osso do indivíduo 3 impossibilita outras observações.

As manchas de carbonização parcial, os indícios de que os ossos ficaram expostos por certo tempo a céu aberto e as marcas de corte visíveis no fêmur e nas vértebras levaram os arqueólogos a teorizar que os restos humanos do silo 1441 são, possivelmente, resultantes de um ato de canibalismo de sobrevivência. O caso do silo 1441 é o único registro arqueológico conhecido até o momento. No entanto, os documentos escritos descreveram casos de canibalismo treze vezes ao longo dos séculos VIII e XI (BONNASSIE, 1989, p. 1049). O período onde o silo se insere, no início do século IX, é bastante conturbado.

4. Os séculos VIII e IX nas fontes escritas

Tanto o surgimento do sítio *La Confiserie*, no fim do século VIII, quanto o silo 1441, do início do IX, se situam num período de crises alimentares. Entre 793-794 há o que parece ser uma das crises alimentares mais graves do reinado de Carlos Magno. Os *Annales sancti Germani minores* descrevem a França como região atingida pela fome, entretanto também há documentos que incluem a Burgúndia e Benevento na lista das localidades afetadas pela escassez. A *Gesta Karoli magni imperatoris* escreve que a fome teria atingido “o mundo todo”. A

Vita Benedicti abbatis Anianensis de Ardo Smaragdus fala em um número enorme de necessitados enchendo as estradas até o monastério (*Vita Benedicti abbatis Anianensis*, 1979, p. 57-58, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 204). O relato da hagiografia demonstra a ação dos monastérios nos períodos de escassez. Entretanto, Ardo Smaragdus deixa claro que as pessoas, ainda com o auxílio dos monastérios, morriam pela inanição.

A passagem de 793 dos *Annales Mosellani* é o relato de canibalismo de sobrevivência mais antigo que temos registro para a Alta Idade Média. Ele pode ser visto como um fortíssimo sintoma da crise:

A fome que começou no ano anterior cresceu de tal maneira, que não forçou apenas outras máculas, mas até mesmo os nossos pecados a emergirem. Ela compeliu humanos a devorarem humanos, irmãos a irmãos, mães às crianças. Na primavera do mesmo ano, incontáveis plantações falsas, que podiam ser vistas e tocadas, mas ninguém podia comê-las, apareceram em diferentes lugares; pelos campos, bosques e pântanos. (NEWFIELD, 2010, p. 424)¹⁶

A forma pela qual o evento foi descrito se assemelha à passagem de Ezequiel 5:10. Os modelos bíblicos presentes nas fontes escritas medievais levaram historiadores a questionar até onde esses relatos eram baseados em fatos reais e até onde eram meras referências bíblicas ou figuras de linguagem. Para Timothy Newfield (2010, p. 395), não se deve desconsiderar os atos de canibalismo encontrados nos documentos durante a Alta Idade Média, pois esses relatos fazem parte de uma longa história escrita da fome. Além disso, segundo ele, ainda que essa passagem, hipoteticamente, seja apenas uma menção bíblica, o canibalismo de sobrevivência pode ter sido praticado em todas as fomes de meados do século VIII até meados do século X, documentadas ou não. Porém, em pequena escala, pois trata-se de um ato envolvido por uma série de conflitos morais. Para Newfield (2010, p. 396), os relatos de canibalismo podem ser lidos como indicadores de que todas as alternativas possíveis de fonte de alimento já foram esgotadas, sendo uma ação de desespero, um sinal claro de uma crise profunda.

¹⁶ "Famis vero, quae anno priori caepit, in tantum excrevit, ut non solum alias immundicias, verum etiam, peccatis nostris exigentibus, ut homines homines, fratres fratres ac matres filios comedere coegit. Ostensa autem eodem anno in ipso regno per diversa loca verno tempore falsa annona per campos et silvas atque paludes innumera multitudine, quam videre et tangere poterant, sed comedere nullus" (*Annales Mosellani*, 1859, p. 498, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 424).

O início do século IX foi marcado pelas medidas imperiais para proteger os *pauperes*, enfatizando em diversas ocasiões a proibição imposta aos agentes públicos e bispos de comprar ou tomar a força os bens materiais dos pobres (DEVROEY, 2006, p. 335-337), como pode se ver no *Capitulare missorum generale* de 802 (1883, p. 96-97, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 429). O *Capitulare missorum in Theodonis villa datum secundum generale*, de 805, foi visto por alguns como um atestado de impotência do governo imperial para lidar com as crises alimentares, uma vez que nele se ordena que, em caso de qualquer tipo de crise, não seja aguardado o édito real, mas que se rezasse pela misericórdia divina. Entretanto, focar nesse aspecto do *Capitulare missorum* é ignorar completamente o que vem depois dessa passagem. Carlos Magno proíbe a saída de alimentos do reino em momentos de crise alimentar. E orienta homens a cuidarem de sua *familia*, que neste período não engloba apenas o que nós conhecemos por família nuclear, mas todos os dependentes desse indivíduo:

A respeito disso: se ocorrer falta de alimentos, desastre, pestilência, clima instável ou problemas de qualquer tipo, que nosso édito não seja aguardado, mas a misericórdia de Deus seja imediatamente clamada. E no presente ano da escassez de alimentos, cada homem ajude sua própria família como ele é capaz e não venda seus grãos a preços muito altos; e que nenhum alimento seja vendido fora do nosso império. (NEWFIELD, 2010, p. 429)¹⁷

Além disso, podemos lembrar que a fome de 793-794 foi relacionada com a ação de demônios, como descrito nos *Synodus Franconofurtensis* (794). Seguindo esta lógica, clamar a misericórdia divina se torna uma ação racional e necessária. Como podemos ver, essa não foi a única ordem real no *Capitulare missorum*, há medidas pragmáticas dentro da mesma passagem. A primeira década do século IX apresenta diversos documentos que incentivam a doação de esmolas aos pobres¹⁸. Ainda assim, Carlos Magno, em uma carta de 805 ao bispo Ghaerbaldum, deixa claro que o risco da fome não estava distante e, mais do que isso, atribui os infortúnios de seu tempo aos pecados cometidos por todos, incluindo-se na afirmação (*Karoli ad Ghaerbaldum episcopum epistola*, 1883, p. 245, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 245).

¹⁷ “4. De hoc si evenerit fames, clades, pestilentia, inaequalitas aeris vel alia qualiscumque tribulatio, ut non expectetur edictum nostrum, sed statim depraecetur Dei misericordia. Et in praesenti anno de famis inopia, ut suos quisque adiuvet prout potest et suam annonam non nimis care vendat; et ne foris imperium nostrum vendatur aliquid alimoniae” (*Capitulare missorum in Theodonis villa datum secundum generale*, 1883, p. 122-23, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 429).

¹⁸ Como a *Capitula per episcopos et comites nota facienda* no ano de 805.

Os esforços legais do Império para proteger as classes mais baixas parecem pouco efetivos. O arcebispo de Lyon, Agobardo (†840), denunciava que os tribunais eclesiásticos, bem como os laicos, “rasgavam a lei ao preço de dinheiro” e que “favoreciam mais os pecados dos ricos que as boas ações dos pobres” (DEVROEY, 2006, p. 335-337). O *Capitulare missorum Niumagae datum* de 806 (1883, p. 132, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 431) traz um aumento nos preços estabelecidos no século anterior, após o *Capitulare Francofurtense* (1906, p. 166, *apud* NEWFIELD, 2010, p. 427-428). A medida para apaziguar os efeitos da crise foi estabelecer os preços máximos na venda dos grãos e pão, além de estabelecer preços menores aos grãos vendidos pelo rei. Alguns historiadores interpretam o fato de que a medida de combate à fome por parte do rei tenha saído de uma assembleia episcopal é um sinal do desespero do rei em face a um problema que extrapola os meios de reação disponíveis no momento. No entanto, como Marcelo Cândido (2013, p. 194) apontou, essa visão impõe sobre o reino de Carlos Magno uma concepção de Estado completamente estrangeira à época. O relato dos *Annales Mosellani* em 794 parece apontar para um quadro de melhora, na medida em que relatam que, apesar da seca, houve abundância de bens (NEWFIELD, 2010, p. 428).

5. Conclusão

O panorama apresentado pelos documentos escritos em fins do século VIII e início IX, como vimos no tópico anterior, são bastante sombrios. *La Confiserie* e o silo 1441 estão espremidos entre crises e tentativas de contenção da fome. Ainda que os restos humanos no interior da estrutura não possam ser categoricamente classificados como prova de um caso de canibalismo, não há outra teoria que explique as lesões apresentadas pelos indivíduos do silo. E, mesmo que não consideremos o silo 1441, os dados zooarqueológicos parecem apontar para um quadro crítico na primeira fase de ocupação do sítio, entre o fim do século VIII e o X. Há uma variedade irrisória de espécies animais no sítio, e a idade do abate desses animais é muito alta.

Todavia, a fome descrita nas fontes não afeta a região de maneira uniforme, como os documentos escritos parecem apontar. Se olharmos sítios contemporâneos na mesma região de *La Confiserie* podemos encontrar quadros onde não se podem detectar sinais da crise, ou até mesmo locais que apresentam indícios de abundância. Em *La Chapelle/La Croix Verte* não há nenhum indício extremo de escassez, ainda que também não haja sinais de abundância.

Talvez um dos traços que mais distanciem *La Chapelle/La Croix Verte* de *La Confiserie* é sua integração com as rotas comerciais da região (GENTILI, 2008, p. 266-267).

Além da suposta estabilidade a poucos quilômetros ao norte de *La Confiserie*, podemos ainda apontar para um sítio camponês com sinais de abundância alimentar: *Les Ruelles*, na atual Serris. No setor camponês do sítio, os silos chegam aos 6 metros cúbicos, que são comuns apenas em ambientes senhoriais. O habitat camponês de *Les Ruelles* está ligado com as redes comerciais da região, de acordo com o mobiliário encontrado no sítio. Além da dimensão dos silos camponeses, a presença de vidro tingido aponta para um quadro de estabilidade no habitat. Não há nenhum indício de produção local de vidro em *Les Ruelles*, o que necessariamente implica a importação do material. Foram encontrados fragmentos por todo o sítio: na necrópole, no habitat aristocrático e no camponês. Em todos os casos, o vidro era associado à arquitetura dos edifícios. O fragmento encontrado no habitat camponês é um vidro de potássio, de produção mais simples. Porém, isso não anula o fato de que o vidro é um material de distinção social; o tamanho dos silos e a presença deste material associado à arquitetura do habitat são sinais fortes de abundância (GENTILI, 2005).

No entanto, mesmo que nos limitemos a *La Confiserie*, a situação alimentar melhora com o passar do tempo, tendo um salto significativo já entre a primeira e a segunda fase. Salto esse visível pela queda na idade de abate dos animais e pelo aumento na variedade de espécies presente no sítio. Na arquitetura, o gesso passa a ser mais presente nas construções de *La Confiserie* após a instalação do habitat senhorial próximo à igreja Saint-Didier. A abundância de matéria-prima para fabricação do gesso na região pode explicar essa presença (GENTILI, 2014). Entretanto, o gesso é um material muito mais comum na arquitetura dos habitats da elite. Embora esses dados não sejam diretamente relacionados à alimentação, eles apontam para um certo grau de estabilidade nos habitats, aparentemente associada à presença de um polo senhorial próximo. A situação alimentar em *La Confiserie* passa por transformações significativas a partir do século X. A idade dos animais no momento do abate, como pudemos observar, reduz consideravelmente até o fim do período medieval. Essa redução pode ser um indicador de que, a partir desse momento, a qualidade da carne passa a ser um fator de peso cada vez maior.

Para finalizar, creio ser necessário ressaltar duas ideias, ainda parciais, frutos dessa primeira tentativa de reunir os sítios em uma mesma análise da situação alimentar. Em primeiro lugar, as diferenças que podemos observar nos habitats camponeses parecem ter

ligação com a proximidade ou o isolamento em relação às rotas comerciais. Não apenas isso: a proximidade com um habitat senhorial parece impactar positivamente o padrão de vida camponês. A carne abatida nos habitats camponeses podia não ser destinada ao consumo dentro do sítio, contudo esses camponeses foram capazes de utilizar materiais de alto valor agregado, como o vidro e o gesso. Em segundo lugar, a dicotomia que Georges Duby (1993) aplicou no título de seu livro *Guerreiros e camponeses* parece não ser suficiente para abarcar a sociedade rural da Alta Idade Média. O vidro, o tamanho dos silos no habitat camponês de *Les Ruelles* e os supostos sepultamentos de famílias camponesas dentro do habitat aristocrático, o gesso em *La Confiserie* são possíveis indícios arqueológicos de uma profunda estratificação social, não simplesmente na sociedade medieval como um todo, mas também no interior do campesinato.

Referências

- ABADIE, Isabelle; GENTILI, François; BOULESTIN, Bruno; CHARLIER, Philippe; YVINEC, Jean-Hervé. Traces d'interventions anthropiques sur des restes osseux humains déposés dans un silo du haut Moyen Âge. **Revue archéologique d'Île-de-France**, n. 6, p. 185-222, 2013.
- ABADIE, Isabelle; CAILLOT, Isabelle; EPAUD, Frédéric; GENTILI, François (org.). **Villiers-le-Bel (Val-d'Oise), Église Saint-Didier. Rapport final d'opération d'une fouille archéologique préventive**. Pantin: Service Régional de L'Archéologie d'Île-de-France, 2008.
- BONNASSIE, Pierre. Consommation d'aliments immondes et cannibalisme de survie dans l'Occident du haut Moyen Âge. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, ano 44, n. 5, p. 1035-1056, 1989.
- BAYARD, Adrien; BAYARD-MARET, Vanessa; CORDEIRO, Gabriel. Vers une archéologie des crises alimentaires ? **Mélanges de l'École Française de Rome**, n. 131, v.1, p. 7-18, 2019.
- CÂNDIDO, Marcelo. Crise e fome na Alta Idade Média: o exemplo dos capitulários carolíngios. **Anos 90**, v. 24, n. 45, p. 185-207, 2013.
- CATTEDDU, Isabelle. **Archéologie médiévale en France: Le premier Moyen Âge (V-XI)**. Paris: La Découverte, 2009.
- CHAIX, Louis; MÉNIEL, Patrice. **Éléments d'Archéozoologie**. Paris: Editions Errance, 1996.

- CHOPELAIN, Patrick. Le fond de cabane: permanence et mutation d'une structure annexe de l'habitat d'après des données archéologiques récentes (dijonnais). **Mémoires de la Commission des Antiquités de la Côte-d'Or**, v. XXXIX, 2000-2001. Disponível em: <https://bm.dijon.fr/documents/MEMOIRES%20CACO/1832-2001/2000-2001-039-05-035-058-1964155.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- DUBY, Georges. **Guerreiros e camponeses**: os primórdios do crescimento econômico europeu séc. VII-XII. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables: système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles)**. Bruxelas: Academie Royale de Belgique, 2006.
- FOUCRAY, Bruno. Les Ruelles de Serris: habitat aristocratique et paysanne du haut Moyen Âge. **Ruralia**, n. 1, p. 203-210, 1996.
- GENTILI, François (org.); ABADIE, Isabelle; BONNARD, Maurice; JOUANNIN, Gaëtan; LAFARGE, Ivan; LEFÈVRE, Annie; LE ROUX, Joëlle; MATHIS, Dorothée; PREISS, Sidonie; WARMÉ, Nicolas; YVINEC, Jean-Hervé. **Villiers-le-Bel (Val-d'Oise). La "confiserie", 72, avenue Gambetta. Rapport final d'opération d'une fouille archéologique préventive**. Pantin: Service Régional de L'Archéologie d'Île-de-France, 2008.
- GENTILI, François; VALAIS, Alain. Composantes aristocratiques et organisation de l'espace au sein de grands habitats ruraux du Haut Moyen Âge. In: DEPREUX, Philippe; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (orgs.). **Les élites et leurs espaces**. Turnhout: Brepols, 2007, p. 99-134.
- GENTILI, François. Archéologie d'un village du Moyen Âge à la période moderne. L'exemple de Villiers-le-Bel. *Archéopages*, n. 40, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/archeopages/639>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- GENTILI, François. L'habitat du haut Moyen Âge de « La Chapelle, La Croix Verte » au Mesnil-Aubry (Val-d'Oise). **Revue archéologique d'Île-de-France**, n. 1, p. 265-308, 2008.
- GENTILI, François. Le verre architectural sur les habitats ruraux du haut Moyen Âge d'Île-de-France : quelques exemples. **Actes du premier colloque international de l'Association Verre et Histoire**. Paris/La Defense/Versailles, oct. 2005. Disponível em: http://www.verre-histoire.org/colloques/verrefenetre/pages/p321_01_gentili.html. Acesso em: 16 mar. 2020.
- HORARD-HERBIN, Marie-Pierre; LEFÈVRE, Christine; VIGNE, Jean-Denis. Chapitre 3 – L'alimentation carnée et les produits alimentaires. In: HORARD-HERBIN, Marie-Pierre;

- VIGNE, Jean-Denis (orgs.). **Animaux, environnements et sociétés**. Paris: Errance, 2005, p. 63-92.
- JOUANIN, Gaëtan; YVINEC, Jean-Hervé. Etude archéozoologique du site de Villiers-le-Bel (Gambetta 2004 et Confiserie 2005 (VIII-XVIe s.). *In*: GENTILI, François (org.); ABADIE, Isabelle; BONNARD, Maurice; JOUANNIN, Gaëtan; LAFARGE, Ivan; LEFÈVRE, Annie; LE ROUX, Joëlle; MATHIS, Dorothée; PREISS, Sidonie; WARMÉ, Nicolas; YVINEC, Jean-Hervé. **Villiers-le-Bel (Val-d'Oise). La "confiserie", 72, avenue Gambetta**. Rapport final d'opération d'une fouille archéologique préventive. Pantin: Service Régional de L'Archéologie d'Île-de-France, 2008, p. 156-177.
- LEFEUVRE, Aurélien. **Le Plessis-Gassot Le Mesnil-Aubry**: « Le Haut du Mesnil ». Paris: Service Régional de l'Archéologie d'Ile-de-France, 2011.
- MORGAN, Johanna. The Invisible Hunger: Is Famine Identifiable from the Archaeological Record? **Antrocom Online Journal of Anthropology**, v. 9. n. 1, p. 115-129, 2013.
- NEWFIELD, Timothy, **The Contours of Disease and Hunger in Carolingian and Early Ottonian Europe**. Ottawa: Heritage Branch, 2010.
- Ó GRÁDA, Cormac. **Eating People is Wrong**: and Other Essays of Famine, its Past, and its Future. Oxford/Princeton: Princeton University Press, 2015.
- PEYTREMANN, Edith. The Archaeology of Early Medieval (6th-12th century) Rural Settlements in France. **Arqueología de la Arquitectura**, n. 9, p. 213-230, 2012.